

Masculinidades imaginadas¹

Fragmentos da clínica psicanalítica e outras inspirações para debater “avisos de incêndio” no setting terapêutico

Alexandro Henrique Paixão,² Campinas

Resumo: O autor discute o problema das masculinidades imaginadas inscritas na clínica psicanalítica pelo viés da prosa literária queer, da psicanálise e da sociologia. À maneira de avisos de incêndio, um paciente comunicou medos, inseguranças, desejos e idealizações, bem como um jeito particular de encarar sua masculinidade, experimentada ora de modo viril e tóxico, ora de forma vulnerável e persecutória, solicitando ao analista na transferência uma prática psicanalítica para lidar com essas chamadas.

Palavras-chave: masculinidades imaginadas, idealização, vulnerabilidade, sentimento de resolução, transicionalidade

Prólogo

Em 1963, por ocasião do 23º Congresso Internacional de Psicanálise, em Estocolmo, o psicanalista e psiquiatra Robert Jesse Stoller (1924-1991) introduziu a discussão acerca da “identidade de gênero”, provocando uma reviravolta nas concepções até então aceitas das identidades assumidas por homens e mulheres a partir de seu nascimento (Piscitelli, 2009). Naquele tempo, os meninos ou as meninas eram definidos a partir da natureza de seus órgãos genitais, cabendo agora pensar nas construções culturais envolvendo o masculino e o feminino.

Pelo menos essa tem sido a perspectiva progressista e predominante até agora, salvo algumas manifestações reacionárias de nosso tempo, tal como aconteceu no dia 16 de abril de 2025, quando a BBC noticiou que a Suprema Corte

1 Agradeço à interlocução e às sugestões dos sociólogos Mariana Chaguri e Anderson Trevisan; das psicanalistas Andrea Kannebley e Ana Carneiro; de Isabel Loureiro; bem como ao apoio constante de minha analista.

2 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp). Professor livre-docente do Departamento de Ciências Sociais na Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), PQ2.

do Reino Unido decidiu que toda mulher será definida legalmente a partir do sexo biológico (Holt, 2025). Com isso, negou-se o direito de reconhecimento do gênero feminino às pessoas transgênero, o que representa a ultrapassada definição pautada pela perspectiva da natureza, e não mais da cultura.

Não obstante tais retrocessos na sociedade britânica, do lado da psicanálise inglesa podemos reconhecer avanços. Ao menos desde a década de 1960 até hoje, muitos debates e ações aconteceram dentro da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), que inclusive foi a promotora do evento de Estocolmo, em que muita coisa germinou. Para dar apenas um exemplo, cito a declaração de 26 de abril de 2022, aprovada pela presidência da IPA, sobre o respeito à identidade de gênero ou à expressão de gênero durante o tratamento psicanalítico.

Na esteira das preocupações gerais do campo psicanalítico com as questões de gênero numa perspectiva cultural, busco, neste artigo, discutir a problemática da identidade de gênero pelo viés das masculinidades, definidas culturalmente graças a processos de aprendizado herdados, atualizados, renovados e/ou criados e colocados em prática pelas pessoas em situações históricas diversas. As masculinidades também dependem de um lugar de pertencimento, envolvendo nacionalidade, etnia, classe social, crença, língua e, em especial, a experiência emocional inscrita nesses processos. Falando especificamente dos homens, elas reúnem elementos sociais e psíquicos compartilhados por diferentes grupos, um vínculo coletivo imaginado, no sentido de que nós, homens, podemos pensar e sentir o que outros homens pensam e sentem – muitas mulheres também, mas esse é outro assunto. É possível reconhecer isso acontecendo entre os homens, menos pela interação concreta – afinal, não estamos em contato com milhares de tipos todos os dias – e mais por meio daquilo que lemos, ouvimos ou vemos, como aconteceu, recentemente, em todo o mundo graças a uma minissérie chamada *Adolescência* (Barantini, 2025), da plataforma de streaming Netflix, para dar um exemplo de vínculo mundialmente imaginado.

Segundo o editorial de março de 2025 do *Observatório Psicanalítico* da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), depois de sua estreia em 13 de março de 2025, mais de 66 milhões de espectadores espalhados pelo mundo assistiram à minissérie em 10 dias, comunicando um vínculo imaginário acerca de temas como adolescência, escola, família, adultos, comunidade, internet, bullying, consumo, feminicídio e masculinidade. Uma “feliz” convergência entre o modo de produção capitalista, a tecnologia de comunicação em massa (serviço de streaming) e a diversidade linguística garantida pelas legendas – sendo, originalmente, uma minissérie britânica falada em inglês – tornou possível perceber vínculos imaginados a respeito, por exemplo, de diferentes tipos de masculinidade dos personagens daquela história, como os

chamados *incels* (celibatários involuntários), contribuindo para pensarmos tipos de masculinidades imaginadas construídos pelo streaming a partir de uma representação da sociedade e da escola britânicas, embora comunicada para todo o mundo.³

Não refletirei aqui sobre a minissérie *Adolescência* e seus tipos de masculinidade dentro da “manosfera” ou “machosfera” (*manosphere*) do presente.⁴ Empresto apenas essa referência inglesa para construir a hipótese cultural de que as masculinidades são imaginadas graças à interação entre línguas, tecnologias e capitalismo – e vou acrescentar mais um elemento dentro desses vínculos globais⁵ apresentados: a presença da clínica psicanalítica em nossa vida contemporânea, colaborando para lidar com masculinidades imaginadas no setting terapêutico.

Depois que fantasias e desejos sexuais instalaram-se na clínica e puderam ser cuidados, determinada masculinidade imaginada foi solicitada pelo paciente por meio da transferência, demandando em seguida os marcos da simbolização que acontecem dentro de um espaço transicional. Tratava-se de partir do imaginado (fantasia) para o simbolizado (realização), rumo a um relacionamento com a realidade (transicionalidade). Quando penso nisso, organizo minhas ideias sobre o masculino em dois termos, *masculinidades imaginadas* e *onipotência da passividade masculina*, e quatro palavras-chave: *idealização*, *vulnerabilidade*, *sentimento de resolução* e *transicionalidade*, a serem apresentadas, resumidamente, no final deste artigo (“Epílogo”).

Recapitularei aqui um tema, as masculinidades, e uma mesma metodologia dos termos e palavras-chave, algo que adotei também em “Sobre masculinidades vulneráveis em homens sobreviventes: análise de uma obra literária” (Paixão, 2024). Tomarei esse artigo como referência em vários momentos, embora minha ênfase seja outra: as masculinidades imaginadas na clínica psicanalítica e a importância de desenvolver a simbolização no processo terapêutico (Klein, 1930/2023a), rumo à construção de limites (Winnicott, 1965/2005)

3 Tomei a liberdade de retrabalhar os argumentos de Benedict Anderson (2008) construídos para pensar “comunidades imaginadas” e reduzi-los ao fenômeno das masculinidades. Daí combinei com o que Connell e Messerschmidt (2013) escreveram sobre masculinidades hegemônicas, resultando no termo *masculinidades imaginadas*.

4 Não confundir machosfera ou manosfera com masculinidades imaginadas, na medida em que a primeira refere-se a comunidades online constituídas por homens que defendem uma masculinidade tóxica e contrária a tudo o que é feminino, enquanto o sentido de masculinidades imaginadas a ser estudado aqui diz respeito aos pensamentos e sentimentos compartilhados pelos homens em diferentes situações e/ou contextos, incluindo o setting terapêutico, visando a compreender o que é masculino para ajudar os homens a repensar suas masculinidades (Jablonka, 2021; Paixão, 2024; Trevisan & Zanesco, 2023). Acerca da manosfera, ver a entrevista de Lethbridge (2025).

5 Para Connell e Messerschmidt (2013), as masculinidades hegemônicas são forjadas nos níveis local, regional e global, configurando-se, assim, de forma múltipla.

que proporcionem uma existência mais real dentro de um espaço transicional (Fulgencio, 2016; Malzyner, 2024; Winnicott, 1953/2019), que pode ser a relação de análise.

Não trago, portanto, nenhum assunto novo, mas uma preocupação genuína: lendo Braunschweig e Fain (1998) e percebendo a crescente “onipotência da passividade” de homens e a busca maciça em satisfazer concretamente seus desejos de forma alucinatória nas redes sociais, na *deep web*, na pornografia e, também, diante do analista, considero urgente pensarmos, conforme ressalta Klein (1930/2023a), na formação de novas bases emocionais não somente para o exercício psíquico da fantasia e sublimação, mas também para a construção de novos relacionamentos dos homens com o próprio mundo interno e externo (as redes sociais, as mulheres, os *pets*, os amigos e as amigas, bem como as situações domésticas, escolares, ocupacionais etc.).

A situação clínica que apresentarei envolve, justamente, as expressões disso, isto é, a maneira onipotente, ela mesmo arcaica, que um paciente heterossexual encontrou para lidar passivamente com os sentimentos que tinha em relação ao pai. Utilizo, portanto, uma experiência emocional com determinado homem para falar do masculino, o que não significa que essas vivências valham para todos os homens e/ou mulheres que participam de um encontro terapêutico comigo. O masculino não é patrimônio dos homens, assim como o feminino não o é das mulheres. Mas aqui homem e masculino se combinam, porque a clínica solicitou esse tipo de interpretação para cuidar dessas questões envolvendo sexualidade e gênero.

Encarei tudo isso como uma espécie de *aviso de incêndio* devido ao sofrimento narcísico apresentado e ao modo como aquilo tudo solicitava algo novo na transferência: entre outras coisas, a masculinidade *transformada* do analista, que abarca o feminino sem tantos medos. Não se tratava, portanto, de um empréstimo de minha masculinidade (Glasser, 1998), pois isso acarretaria a transmissão da mesma e inflamada hegemonia masculina (Connell & Messerschmidt, 2013), à qual estou submetido enquanto homem e diante da qual esse paciente relutava. Cabia experimentar aquilo que poderia ser transformado no calor da relação transferencial (Klein, 1952/2023c). Assim, meu convite era nos mantermos numa *clínica psicanalítica em chamas* em face desses sofrimentos envolvendo masculinidades.

Aviso de incêndio: fragmentos da clínica e inspiração literária

Não estou mais com medo de ninguém, nem de nós...

Essa foi a frase que um paciente encontrou, depois de meses de análise, para me dizer que estava se sentindo menos temeroso em relação aos sentimentos apresentados em várias sessões sobre querer transar comigo, e ao medo que tinha de que eu não aguentasse sua excitação e as investidas em forma de palavras sobre aquilo que fantasiava, pondo fim à nossa relação analítica. Já tínhamos conversado em outras sessões sobre aqueles desejos em relação a mim, como seu analista, não emergindo em nenhum momento o fato de que eu era outro homem.

Nessa cisão, eu não via problemas na recusa em enxergar em mim outra pessoa do gênero masculino, idealização, na verdade, que contribuía para lidarmos com aquele conjunto de sentimentos sexualmente inflamados. Assim, durante meses, o setting terapêutico ficou tomado por desejos e fantasias sexuais, fosse pela livre exposição dos sentimentos eróticos do paciente, fosse pelos desafios que a transferência e a contratransferência solicitavam, pois eu estava diante de um homem muito perturbado e perturbador por conta de sua sexualidade, sem saber para onde caminharíamos.

Tratava-se de uma pessoa muito cativante, inteligente, mas aflita com seus impulsos sensuais, sua necessidade de usar palavras de baixo calão, sua vontade do coito – enfim, tudo aquilo que estava guardado em segredo durante anos e agora emergia na transferência diante de uma dupla que livremente ocupava o espaço de uma sala de atendimento, não para transar, concretamente, mas para cuidar do que era apresentado em termos de fantasias e tentar dar um contorno à idealização em andamento. Isso porque havia nas sessões uma gratificação exagerada e exaltadora de minhas qualidades como analista, alguém suficientemente capaz de sustentar tudo o que era apresentado, sem cair em tentação, sugeria o paciente.

Foi numa dessas sessões que lembrei de uma passagem do romance de Garth Greenwell chamado *O que te pertence* (2019).⁶ Na cena literária, havia um pai e um filho tomando banho tranquilamente, até que o filho tem uma ereção ao tocar o corpo do pai, que não o acolhe, mas o repele violentamente, criando uma fratura ética que deixa tudo muito vulnerável (Paixão, 2024). Diante disso, comentei com o paciente que um pai e um filho podiam até se excitar, mas cabia à função paterna tolerar a excitação do filho e, em vez de

6 Escrevi sobre esse romance em 2024, anos depois dessa sessão (ocorrida em 2019) com esse paciente adulto. O artigo chama-se “Sobre masculinidades vulneráveis em homens sobreviventes: análise de uma obra literária”.

rejeitá-la ou reprimi-la, tentar ajudar o adolescente a compreender a força, os tumultos e as confusões de sua sexualidade na relação entre dois homens. Pensei que, na sessão de análise, não deveria ser diferente, pois o desejo e a ereção deveriam ter espaço ali; com isso, sugeri que a chama daqueles sentimentos não deveria ser apagada, mas mantida e usada de outra maneira; digo, com os devidos contornos (limites), para explorarmos o que fosse possível em pensamento, para tratar do que estivesse inflamado, expandindo, com isso, nossa forma de sentir e pensar a sexualidade e o gênero masculino. Foi assim que o paciente pôde me dizer que “não estava mais com medo de ninguém, nem de nós mesmos”.

De um lado, a frase evocava um sentimento onipotente ante medos antigos. De outro, englobava uma aceitação da realidade perante aqueles desejos e fantasias, na medida em que cabia a excitação enquanto experiência emocional na interação viva do setting, mas não sua realização (frustração).

Não obstante, apesar dos avanços no sentido de aceitação da realidade da análise, após algumas sessões, ocorreu uma reviravolta: mesmo com o rebaixamento da ansiedade e da persecutoriedade, prevaleceram os sentimentos onipotentes, transformados numa preocupação angustiante e passiva de que eu estava muito bravo e cansado de tudo aquilo e que iria pôr fim à análise. Ao indagar o motivo, o paciente me contou que sentia que tinha me desrespeitado, que aqueles assuntos eram coisa de “viado”, que eu, sendo outro homem, estava muito ofendido e iria expulsá-lo dali, pois não haveria saída para esse impasse.

Analizamos juntos nas sessões esses sentimentos e um conjunto de lembranças dolorosas, envolvendo questões de sexualidade e gênero, relacionadas ao fato de que o paciente foi considerado, quando menino, depois rapaz e agora homem, alguém muito feminino e passivo, oposto ao pai, que era um macho ativo. Alguém que ele respeitava e admirava exageradamente, embora nunca tenha conseguido comunicar isso, pois seria a prova de sua atitude passiva e feminina perante outro homem. Com seu pai, o paciente, durante toda a vida e até o momento de sua morte, desejou interagir afetivamente, embora não tenha conseguido, seja por temer revelar seus próprios sentimentos, seja para não provocar os ciúmes de uma mãe sentida como castradora, que poderia suspeitar da veneração do filho pelo pai. O que esse paciente relatava era uma espécie de indiferença à figura paterna, contrabalançada pelas fortes identificações com a mãe. Dela partia um maciço investimento libidinoso, criando uma barreira entre eles e o pai: de forma autoritária, reservou a si própria os cuidados (limpeza, vestimenta, locomoção, alimentação etc.), o lúdico (passeios, brincadeiras, lazer em geral) e a aprendizagem (tarefas escolares, simulados, vestibulares) da infância até o fim da adolescência; o pai fora destinado,

estritamente, às funções de manutenção e decisões do regime doméstico; aliás, a escolha da palavra “regime” não é à toa – diz muito da situação familiar.

Não obstante, o pai desejado teria sido encontrado agora na análise, e a capacidade desse paciente de falar de suas paixões e fantasias comigo, enquanto analista-pai, contrabalançava os sentimentos de “rejeição e privação” vividos até ali (Glasser, 1998). Perguntei como teria sido possível um filho e um pai não interagirem afetivamente durante as vivências domésticas. A resposta veio em tom de lamento: para esse paciente houve, sim, um convívio, mas nunca livre e satisfatoriamente, pois, assim como o personagem do romance, o paciente fantasiava que, caso se aproximasse do pai intimamente, não conseguiria conter sua excitação, algo que a mãe não apenas notaria com facilidade, como também não se furtaria à euforia de expor como sentimentos “incestuosos”. O resultado foi uma forte repressão dos desejos homoafetivos em relação ao pai, mantendo tudo em segredo, mesmo depois do casamento heterossexual, dos filhos, do sucesso profissional. Afastou-se o máximo que pôde até perder total contato com o pai, a ponto de não conseguir se despedir dele nem em seu leito de morte. Tudo isso me foi narrado enquanto ele enxugava as lágrimas por revelar a paixão secreta pela figura paterna.

Um conjunto de elementos de psicanálise era solicitado na sessão desse paciente: luto, melancolia, complexo edípico, castração, inveja, incesto, ferida narcísica (sentimento de inferioridade) etc. Mas acabamos nos concentrando na seguinte experiência emocional de cisão da imagem paterna presente na transferência: de um lado, havia a paixão revelada pela figura do analista; de outro, a rejeição deste enquanto figura masculina. Em outras palavras, como analista, eu era cindido em duas partes ambivalentes: uma era capaz de acolher, de resistir às tentações, de apresentar a realidade daqueles sentimentos homoafetivos, mas se sentir ofendido e por esse motivo pôr fim ao vínculo analítico; outra, um pouco mais nebulosa, solicitava idealmente minha masculinidade e um sentimento de que, sendo eu outro homem, tudo poderia ficar vulnerável, por conta do fantasma da homossexualidade. Diante desse emergente conflito e da culpa instalados no setting, tais idealizações do analista ganharam as seguintes características: uma relacionada à gratificação alucinatória, por conta dos fortes sentimentos onipotentes atribuídos a mim; outra atrelada à onipotência dos homens diante do feminino, que é assustador e associado à homossexualidade, o chamado “repúdio da feminilidade” (Freud, 1937/1996a, p. 264).

Esse paciente havia sido humilhado e rebaixado inúmeras vezes pelos familiares, especialmente pela mãe, por conta de sua sensibilidade e delicadeza nos relacionamentos, sendo considerado um menino e adolescente mais “passivo” do que “ativo”. Aparentemente, parecia uma situação comum, preconceituosa e, infelizmente, enfrentada por quase todos os homens, de

maneira precoce, na infância, quando são cobrados para serem machos ativos e não demonstrarem afetos por outros homens – nesse caso, pelo próprio pai. O que esse paciente ocultava até então era sua masculinidade vulnerável (Paixão, 2024).

Comentei em outro contexto que a vulnerabilidade masculina é causada quando um homem fica perante outro de modo íntimo e, nesse instante, um conjunto de sentimentos ambivalentes (atração e indiferença) invadem a cena por conta das fraturas emocionais experimentadas precocemente e não elaboradas até a vida adulta. Sem a atenção e o cuidado necessário de algumas questões masculinas na infância, como a escolha ou recusa de objetos amorosos, considero que, na vida de alguns homens, pode se instalar um profundo conflito relacionado à sexualidade e ao gênero, algo que fragiliza emocionalmente vários deles, deixando tudo muito vulnerável, sendo a única alternativa recorrer às idealizações, com características passivas, apesar da postura, com frequência, onipotente.

Esse tipo de masculinidade mais vulnerável não costuma ser uma masculinidade imaginada aceita pelos homens por causa da oposição ao falo. Esse último é bastante conhecido por nós como representante da dominação masculina (manosfera), mas considero que seu domínio é gerador de ansiedades, persecutoriedade, idealizações, aqui também chamadas de onipotência da passividade masculina.

Nesse oxímoro, reconheço um mal-estar masculino, em que muitos homens se apresentam extremamente onipotentes, ativos, machos, isto é, profundamente fálicos, mas, de maneira paradoxal, suas atuações estão inscritas numa rede de atividades, expressões, interações e comunicações cuja experiência emocional é marcada pela passividade, sinônimo de indiferença diante de si mesmo, do outro, do mundo da vida, do perigo, configurando uma face particular do machismo, expressa por meio de um narcisismo passivo: ocorre a escolha de objetos, há a atuação sobre eles, mas o que prevalece é a dominação dos objetos escolhidos. Perante isso, e acrescentando apenas outro elemento ao debate, a ideia de que o complexo edípico é o verdadeiro núcleo do mal-estar psíquico e da nossa sexualidade (Freud, 1919/1996b), caberia perguntar se o machismo aqui em voga, sinônimo dessa masculinidade imaginada, não seria um resíduo dos conflitos edípicos experimentados.

O assunto carece de reflexão, mas vou apenas indicá-lo para continuar na seguinte direção: estamos diante de masculinidades imaginadas que retêm esses elementos ambivalentes, os quais combinam onipotência e passividade masculinas, e ao fim e ao cabo temos um conjunto significativo de cisões: entre o masculino e o feminino, entre as imagens materna e paterna, entre a heterossexualidade e a homossexualidade etc.

Em termos de cisões, as vivências clínicas com o paciente não eram diferentes: o paciente se relacionava homossexualmente comigo como seu analista e heterossexualmente comigo na condição de homem, excluindo o homem das sessões. Por um lado, era bem-visto o relacionamento analista-paciente, mas, por outro, malvisto o encontro de dois homens, o que nos desafiava a integrar essas duas partes. O convite era nos movimentarmos de uma realidade toda fantástica, colorida por impulsos sexuais dirigidos a um analista-ideal, para um contato mais real com o analista como pessoa inteira, de modo a desapontar a “satisfação alucinatória”, incentivando esse paciente a se ajustar à realidade da vida (Isaacs, 1952/1969).

Para Melanie Klein (1929/2023d), na gratificação alucinatória, há uma recusa tanto da frustração quanto da persecutoriedade dos objetos, algo que acontecia: apesar dos sentimentos onipotentes, houve um breve contato com a realidade, a ponto de o paciente declarar que não sentia mais medo de si, nem de nós mesmos, isto é, já não temia tanto seus desejos e fantasias pelo analista, podendo aceitá-los pelo contato emocional frustrador, mas necessário para o desenvolvimento psíquico. Porém, em seguida, ele passou a recusar tanto sua frustração quanto a perseguição inicial em relação às fantasias e desejos sexuais por mim, analista, como objeto idealizado. Ao me imaginar como outro homem, no lugar de me ver como pessoa inteira, adentramos, na verdade, no mundo concretamente preconceituoso do “é coisa de viado”, e rapidamente fui cindido: uma parte minha permaneceu idealizada, enquanto outra foi representada por um homem ofendido, pois tinha sido xingado de “mulherzinha”. Nesse instante, uma masculinidade globalmente imaginada foi solicitada no consultório, a que diz que não existe nada pior para um homem do que ser parecido com uma mulher (Freud, 1937/1996a), como deixam transparentes os usos, vulgarmente, de designações como “bicha”, “viado”, “mulherzinha” (Greenwell, 2023; Paixão, 2024).

O velho padrão de masculinidade imaginada, aquele que conhecemos sob o domínio pulsional do falo e que socialmente é aceito por negar, deturpar, destruir, e assim por diante, qualquer modelo (imaginário ou real) de feminilidade,⁷ vinha nos avisar do incêndio que estava prestes a começar, pois conflitávamos com a manófera, que retém um tipo de feminilidade também imaginada, assunto que não poderei explorar neste momento. Assim, as faíscas da chamada masculinidade hegemônica espalharam-se pelo setting e me lembraram do quanto era nefasto esse imaginário dos machos de todas as espécies

7 “O gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade” (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 265).

(“valentões”, “incels”, “Chads”,⁸ “Alfas” etc.), cabendo à psicanálise tolerar essas chamadas e tentar apreender a realidade desse tipo de masculinidade imaginada.

Dar forma à imaginação na realidade

Na vida diária, esse paciente se reconhece como homem cisgênero e orienta sua sexualidade para a heterossexualidade, não mostrando dúvidas sobre ela. Porém, no contexto do setting analítico, a idealização homoafetiva acabou se instalando, e um conjunto de fantasias libidinais e agressivas veio à tona, causando um grande mal-estar, no sentido próximo a um aviso de incêndio. No entanto, havia aspectos positivos nessa idealização do analista como alguém capaz de ouvir, acolher fantasias e segredos sexuais, e ajudá-lo a lidar com coisas más, persecutórias – os sentimentos homossexuais –, mas que cabiam ser sentidas por mim na condição apenas de analista. A reviravolta foi a minha transformação de analista em homem. O que poderia ser uma pista de que esse paciente me via como pessoa inteira foi, na verdade, uma prova de sua mente arcaica: ao me ver como homem, sentiu que ali não havia uma relação de análise, mas uma relação de dois “viados”, e o fantasma da homossexualidade se instalou.

Enquanto analista, eu receava sermos consumidos pelos curtos-circuitos e faíscas daquela situação, mas outra coisa emergiu. Não era um banho frio, nem mesmo um extintor de incêndio, mas um sentimento de resolução. Quando foi possível conversar sobre as cisões transferidas para o analista e retomar um ritmo de segurança emocional de que a análise não acabaria e de que estávamos apenas começando, avançamos no que chamo de resolução.

Garth Greenwell, no romance *Pureza* (2023), descreve o sentimento de resolução nas situações em que um “rosto humano” se recompõe depois que uma cena de exposição emocional ou física se apresenta. No livro, isso acontece em vários momentos. Por exemplo, numa situação em que o personagem se dá conta dos perigos a que estava exposto ao ter relações sexuais com um desconhecido interessado em práticas sadomasoquistas, ou quando fica lado a lado no mictório com outro homem, que por sua vez se exhibe cheio de volúpia e desejo, embora os dois acabem não transando, porque algum limite emocional se instala entre a excitação e a atuação. Na clínica, esse sentimento emergiu depois que o paciente se sentiu exposto por conta de suas fantasias homossexuais, não perante o analista, mas perante outro homem ali avistado, como se não houvesse controle para aquilo, pois estávamos diante da concretude das masculinidades imaginadas acerca da homossexualidade – afinal, “todo ‘viado’ quer transar”.

8 Homens populares e atraentes.

Não era somente a necessidade de simbolização que era solicitada, mas uma experiência emocional que esse paciente conhecia muito pouco: a importância de escolher amorosamente os objetos, depois usá-los dentro dos limites impostos e necessários, e então descartá-los, numa relação transicional. O objeto transicional não somente ajuda a suportar o início de uma existência separada (Malzzyner, 2024); ele nos proporciona a tolerância à frustração dos desejos e fantasias, fornecendo no lugar uma adaptação saudável à realidade.

A questão do limite e/ou controle liga-se às relações com os objetos amorosos primários, isto é, diz respeito à capacidade de toda pessoa, no início da vida, de primeiro se relacionar com um objeto subjetivo, depois se separar dele, e então percebê-lo como objeto à parte, podendo se relacionar com ele, preservando, usando e depois destruindo (rasgando, cortando, largando etc.) determinado objeto (Winnicott, 1965/2005). Na análise, não é diferente, pois, no processo transferencial com o analista, o primeiro sentimento é de preservação, o que implica idealização do objeto “analista”. Em seguida, ocorrem os usos variados, por meio das interações e trocas que vão permitindo ao paciente e ao analista experimentar tudo o que emerge em termos de palavras, desejos e sentimentos, até que, em dado momento, a vontade de destruição que acompanha o amar se instale simbolicamente na relação da dupla, e balizas (limites) se estabeleçam de forma construtiva a partir da transicionalidade (Malzzyner, 2024).

Para Winnicott (1965/2005), pessoas maduras precisam lidar com a destruição que surge nos relacionamentos amorosos, como a que ocorre na análise, e canalizá-la para a destruição que vai se passar, internamente, na realidade psíquica, por meio dos sonhos, das atividades lúdicas ou da expressão criativa refratada em objetos transicionais, podendo um destes ser o objeto-analista. O sentimento de resolução, isto é, o reconquistar de um rosto mais humano na clínica, pode ser uma das elaborações para dar forma à imaginação na realidade. Essa mediação ou esse “entre” chama-se transicionalidade.

O que nasceu disso tudo e nos trouxe até aqui, ao final deste artigo, é a possibilidade de sonhar um relacionamento analítico mais maduro. Na maturidade emocional, saber lidar com a complexidade das fantasias e conseguir deslocá-las para uma solução pessoal adequada faz parte do crescimento emocional individual, algo em construção na relação com esse paciente, cuja masculinidade imaginada é questionada em nome do desenvolvimento de uma simbolização que dê forma à imaginação na realidade, imprimindo um rosto mais humano para encarar as masculinidades imaginadas na clínica psicanalítica.

Epílogo

Neste artigo tentei refletir sobre um conjunto de ideias acerca das masculinidades imaginadas. Mobilizei dois termos e quatro palavras-chave, cujos significados empregados gostaria de recapitular para terminar:

– *Masculinidade imaginada*: o termo refere-se àquilo que compartilhamos globalmente com outras pessoas (em especial, entre os homens), no que diz respeito a pensamentos e sentimentos que perpetuam masculinidades hegemônicas ou heteronormativas (Connell & Messerschmidt, 2013).

– *Onipotência da passividade masculina*: recolhi esse termo de Braunschweig e Fain (1998), mas dei um sentido muito particular a ele para pensar um mal-estar masculino, em que homens se apresentam extremamente onipotentes, ativos, machos, isto é, profundamente fálicos, mas, de modo paradoxal, suas atuações estão inscritas numa rede de atividades, expressões, interações e comunicações cuja experiência emocional é marcada pela passividade, sinônimo de indiferença diante de si mesmo, do outro, do mundo da vida, do perigo etc.

– *Idealização*: esse conceito transformado em palavra-chave tem origem naquelas situações em que os desejos pulsionais estão em jogo e aspiram, poderosamente, a uma gratificação ilimitada, criando a imagem de um objeto inexaurível, sempre generoso, como se fosse um objeto ideal (Klein, 1946/2023b). A idealização pode ser explicada por meio de duas vertentes: uma ligada à gratificação, com suas características alucinatórias; outra relacionada à onipotência masculina, que tem medo do feminino, sinônimo de homossexualidade.

– *Vulnerabilidade*: considero esta uma existência precária mergulhada no conjunto de experiências masculinas angustiantes e fraturadas (Paixão, 2024).

– *Sentimento de resolução*: envolve a compreensão do mal-estar psíquico e a vontade de recuperar um rosto mais humano diante do sofrimento (Greenwell, 2023).

– *Transicionalidade*: engloba um conceito original de Winnicott (1953/2019), empregado aqui como uma palavra-chave para explicar a adaptação à realidade vivida na simbolização, ou seja, a tentativa de dar forma à imaginação na realidade.

Poderia ter escolhido outros termos e palavras-chave dados, mas considereei esses particularmente significativos para dar conta de um problema que tentei abordar: os “avisos de incêndio” que um paciente homem anunciou na clínica psicanalítica. Isso significa que me concentrei apenas em um fragmento clínico, pois meu objetivo foi bastante localizado, e considereei que esse exemplo singular poderia dar conta do debate proposto, cabendo agora ao leitor colocar isso à prova.

Em conclusão, a partir da clínica e do apoio na experiência emocional de dois homens – um paciente e um analista –, destaquei na forma de uma frase aquilo que determinado paciente expressou em suas sessões de análise sobre suas respectivas vivências sexuais e de gênero. Incrementei essa metodologia fazendo breves observações sobre a assertiva anunciada, apoiado em perspectivas advindas da prosa literária queer, da psicanálise e da sociologia, cabendo um resumo desses importantes interlocutores para terminar:

– *Prosa literária queer*: o leitor teve um breve contato com dois resumos de trechos de romances de Garth Greenwell, *O que te pertence* (2019) e *Pureza* (2023). O primeiro foi escolhido por fazer parte daquilo que foi associado livremente na ocasião de uma das sessões, enquanto o segundo, que em meus estudos está sempre combinado com o primeiro, é uma referência para pensar masculinidades (Paixão, 2024). Quanto ao uso do objeto literário no contexto de sessões de análise e na interpretação de situações clínicas, não foi nenhuma inovação técnica; afinal, Freud estabeleceu esse tipo de correlação entre o texto ficcional e o fato psíquico em vários momentos de sua obra, como em “Dostoiévski e o parricídio” (1928[1927]/1996c), e em outros enfatizou que, quando o assunto é a escolha de objetos por homens, a ficção foi quem mais ofereceu contribuições em termos de forma e conteúdo erótico, cabendo naquele momento (e agora também) à psicanálise dar sua contribuição (Freud, 1910/1996d). Os resumos extraídos dos dois objetos literários, portanto, desempenharam a função ativa de inspiração e alavancagem para a reflexão acerca de determinado fato psíquico.

– *Psicanálise*: apesar de Freud e Klein terem, muitas vezes, uma visão biologizante da sexualidade masculina e feminina e não adentrarem na discussão da identidade de gênero por razões históricas óbvias – identidade gênero é um conceito da década de 1960 –, adaptei seus vértices para os fins deste estudo e mobilizei visões mais contemporâneas sobre a sexualidade na psicanálise. Busquei também em Winnicott e em seus intérpretes a discussão dos limites e da transicionalidade.

– *Sociologia*: a referência principal foi a socióloga australiana Raewyn Connell, ainda que outras referências tenham sido incorporadas na discussão.

Após tais resumos e apontamentos, finalizo com o sentimento de que meu encontro no setting terapêutico com um homem adulto ocupado com seus medos, inseguranças, desejos, idealizações e uma forma particular de encarar sua masculinidade, comumente experimentada de maneira viril e tóxica, tem sido algo desafiador e premente de compreensão. Isso se deve aos avisos de incêndio no interior de uma clínica psicanalítica que tem sido convocada a lidar com as chamas de uma masculinidade imaginada.

Masculinidades imaginadas: fragmentos de la clínica psicoanalítica y otras inspiraciones para discutir "avisos de incendio" en el ámbito terapéutico

Resumen: El autor aborda el problema de las masculinidades imaginadas inscritas en la clínica psicoanalítica a través de la lente de la prosa literaria queer, el psicoanálisis y la sociología. En la forma de avisos de incendio, un paciente comunicó miedos, inseguridades, deseos e idealizaciones, así como una forma particular de ver su masculinidad, vivida a veces de forma viril y tóxica, a veces de forma vulnerable y persecutoria, pidiendo al analista en la transferencia una práctica psicoanalítica para lidiar con estas llamas.

Palabras clave: masculinidades imaginadas, idealización, vulnerabilidad, sentimiento de resolución, transicionalidad

Imagined masculinities: fragments from the psychoanalytic clinic and other inspirations for discussing "fire warnings" in the therapeutic setting

Abstract: The author discusses the problem of imagined masculinities inscribed in the psychoanalytic clinic through the lens of queer literary prose, psychoanalysis and sociology. In the form of fire warnings, a patient communicated fears, insecurities, desires and idealizations, as well as a particular way of looking at his masculinity, experienced sometimes in a virile and toxic way, sometimes in a vulnerable and persecutory way, asking the analyst in the transference for a psychoanalytic practice to deal with these flames.

Keywords: imagined masculinities, idealization, vulnerability, sense of resolution, transitionality

Les masculinités imaginées : fragments de la clinique psychanalytique et autres inspirations pour discuter des « alertes au feu » dans le cadre thérapeutique

Résumé : L'auteur aborde le problème des masculinités imaginées inscrites dans la clinique psychanalytique à travers le prisme de la prose littéraire queer, de la psychanalyse et de la sociologie. Sous la forme d'alertes au feu, un patient communique ses peurs, ses insécurités, ses désirs et ses idéalisations, ainsi qu'une façon particulière de voir sa masculinité, vécue tantôt de façon virile et toxique, tantôt de façon vulnérable et persécutrice, demandant à l'analyste dans le transfert une pratique psychanalytique pour traiter ces flammes.

Mots-clés : masculinités imaginées, idéalisation, vulnérabilité, sens de la résolution, transitionnalité

Referências

- Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas* (D. Bottman, Trad.). Companhia das Letras.
- Barantini, P. (Diretor). (2025). *Adolescência* [Minissérie]. Netflix.
- Braunschweig, D. & Fain, M. (1998). A sombra fálica. In D. Breen (Org.), *O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e masculinidade* (F. Náufel, M. P. Ferreira & T. Penido, Trans., pp. 139-152). Imago.
- Connell, R. & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. <https://tinyurl.com/2fjmf9b8>
- Febrapsi. (2025, março). Editorial. *Observatório Psicanalítico*. <https://tinyurl.com/57aj663s>
- Freud, S. (1996a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 223-266). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1996b). “Uma criança é espancada”: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 191-216). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1996c). Dostoiévski e o parricídio. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 185-206). Imago. (Trabalho original publicado em 1928[1927])
- Freud, S. (1996d). Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor 1). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 11, pp. 169-182). Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Fulgencio, L. (2016). Os objetos e os fenômenos transicionais: entre o mundo interno e o externo. In L. Fulgencio, *Por que Winnicott* (pp. 42-44). Zagodon.
- Glasser, M. (1998). O ponto fraco: algumas observações sobre a sexualidade masculina. In D. Breen (Org.), *O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e masculinidade* (F. Náufel, M. P. Ferreira & T. Penido, Trans., pp. 219-233). Imago.
- Greenwell, G. (2019). *O que te pertence* (J. G. Couto, Trad.). Todavia.
- Greenwell, G. (2023). *Pureza* (F. Waltrick, Trad.). Todavia.
- Holt, A. (2025, 16 de abril). *Five key takeaways from Supreme Court ruling*. BBC. <https://tinyurl.com/yzc3jmyd>
- IPA. (2022, 26 de abril). Position statement on attempts to change sexual orientation, gender identity, or gender expression. *International Psychoanalytical Association*. <https://tinyurl.com/yjeacy29>
- Isaacs, S. (1969). A natureza e a função da fantasia. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs & J. Rivière, *Os progressos da psicanálise* (A. Cabral, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1952)
- Jablonka, I. (2021). *Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades*. (J. R. Simões, Trad.). Todavia.
- Klein, M. (2023a). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros ensaios* (A. Cardoso, Trad., pp. 278-298). Imago; Ubu. (Trabalho original publicado em 1930)

- Klein, M. (2023b). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros ensaios* (B. Mandelbaum, M. E. S. Brito, O. B. Salles, M. T. Godoy, V. Starzynski & W. M. M. Dantas, Trans., pp. 19-49). Imago; Ubu. (Trabalho original publicado em 1946)
- Klein, M. (2023c). As origens da transferência. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros ensaios* (B. Mandelbaum, M. E. S. Brito, O. B. Salles, M. T. Godoy, V. Starzynski & W. M. M. Dantas, Trans., pp. 78-89). Imago; Ubu. (Trabalho original publicado em 1952)
- Klein, M. (2023d). A personificação do brincar das crianças. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros ensaios* (A. Cardoso, Trad., pp. 255-267). Imago; Ubu. (Trabalho original publicado em 1929)
- Lethbridge, J. (2025). Banning social media won't solve teen misogyny: masculinity expert on what's behind the "manosphere". *Impact: The Evidence*. <https://tinyurl.com/mr49tt9h>
- Malzyner, M. (2024). O brincar e a criatividade no País do Entre. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 58(3), 103-115.
- Paixão, A. H. (2024). Sobre masculinidades vulneráveis em homens sobreviventes: análise de uma obra literária. *Limiar: Revista de Filosofia EFLCH-UNIFESP*, 11(21), 44-57.
- Piscitelli, A. (2009). Gênero: a história de um conceito. In H. B. Almeida & J. Szwako (Orgs.), *Diferenças, igualdade* (pp. 116-148). Berlendis & Vertecchia.
- Trevisan, A. R. & Zanesco, L. M. (2023). El cine latinoamericano entre la norma y la subversión. In A. C. R. Amorim & P. L. Mardones (Eds.), *Afectos y visibilidades comparadas entre Chile y Brasil* (pp. 49-71). Metales Pesados.
- Winnicott, D. W. (2005). Notas escritas no trem: parte 2. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (J. O. A. Abreu, Trad., pp. 180-181). Artmed. (Trabalho original publicado em 1965)
- Winnicott, D. W. (2019). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (B. Longhi, Trad., pp. 13-51). Ubu. (Trabalho original publicado em 1953)

Recebido em 13/5/2025, aceito em 20/5/2025

Alexandro Henrique Paixão

ahpaixao@unicamp.br

doi: 10.69904/0486-641X.v59n2.07